

Principais Temas dos Escritos de Ellen White

Uma análise dos principais temas de Ellen White

Percorremos um longo caminho em nossa jornada com Ellen White neste livro. Primeiro examinamos sua longa vida. Depois vimos o trabalho do Ellen G. White Estate desde a morte dela e examinamos seus vários escritos. Agora estamos prontos para a fase final de nossa apresentação da Sra. White. Neste capítulo examinaremos sete temas principais que permeiam todos seus escritos. Eles representam idéias que nos ajudam a entender a teologia de Ellen White e sua responsabilidade para com indivíduos e para com a igreja. Eles também integram as várias fibras dos pensamentos dela numa rede unificada de conceitos que fornecem uma estrutura interpretativa não apenas para documentos isolados, mas para setores inteiros de seus escritos (tais como saúde, educação e vida familiar). Os sete temas a seguir não são os únicos que poderíamos ter escolhido, mas parecem estar entre os mais básicos, e certamente se destacam ao longo de suas obras. Como resultado, estes sete temas oferecem um discernimento integrativo e interpretativo dos escritos de Ellen White, que nos ajudarão a ler com melhor compreensão o que ela escreveu.

O amor de Deus

Talvez o tema central e mais abrangente nos escritos de Ellen White seja o amor de Deus. Por que começamos com este tema? A resposta é porque é o tema ao qual ela repetidamente dá o primeiro lugar em seus principais livros. Algumas ilustrações sobre isso nos ajudarão a compreender o lugar crucial que o tema ocupa no pensamento dela. Uma das ilustrações mais convincentes da centralidade do amor de Deus nos escritos de Ellen White é que a frase “Deus é amor” constitui as primeiras três palavras do primeiro volume da Série Conflito dos Séculos (*Patriarcas e Profetas*) e as três últimas palavras do volume final da série (*O Grande Conflito*). Por que é assim? Porque, como veremos abaixo, a realidade do amor de Deus é o ponto central da grande luta entre o bem e o mal que é retratada pela Sra. White. Como resultado, ela enfatiza o amor de Deus em todas as oportunidades. “Deus é amor” é a frase que fornece o contexto para sua narração da vasta história do grande conflito. Outra ilustração significativa da centralidade do tema do amor de Deus nos escritos de Ellen White é que uma reflexão sobre esse importantíssimo tópico é o conteúdo do primeiro capítulo de *Caminho a Cristo*. As palavras de abertura do livro são: “A Natureza e a Revelação dão testemunho do amor de Deus” (CC 9). A Sra. White continua mostrando como o mundo natural

“nos fala do amor de quem tudo criou”, e que mesmo num mundo de pecado a mensagem do amor de Deus brilha de uma a outra extremidade. Afinal, “há flores sobre os cardos, e os espinhos acham-se cobertos de rosas. ‘Deus é amor’ (I João 4:8), está escrito sobre cada botão que desabrocha, sobre cada haste de erva que brota” (CC 9, 10). Contudo, salienta ela, as coisas da natureza, num mundo de pecado, “muito imperfeitamente representam o Seu amor”. E enfatiza que a demonstração mais clara e suprema do amor de Deus por nós é o fato de Ele ter enviado Jesus para nos salvar de nossos pecados (CC 10-13).

O capítulo termina com a seguinte ênfase no tema central do livro: “Tal amor [como Deus teve por nós, enviando Jesus para nossa salvação] é incomparável. Filhos do celeste e Rei! Preciosa promessa! Tema para a mais profunda meditação! O inigualável amor de Deus por um mundo que O não amou! Este pensamento exerce um poder subjugante sobre a alma e leva cativo o entendimento à vontade de Deus. Quanto mais estudarmos o caráter divino à luz que vem da cruz, tanto mais veremos a misericórdia, a ternura e o perdão aliados à equidade e à justiça, e tanto mais claro discerniremos as inumeráveis provas de um amor que é infinito, e de uma terna compaixão que sobrepuja o amor anelante de uma mãe para com o filho extraviado” (CC 15). Uma terceira ilustração convincente de que o amor de Deus é o tema central nos escritos de Ellen White, aparece nas páginas iniciais de *O Desejado de Todas as Nações*. No primeiro parágrafo do livro ela declara que Jesus “veio ... para revelar a luz do amor de Deus” (DTN 19). Na página seguinte ela escreve que a vida de Jesus demonstrou “que a lei do amor que renuncia é a lei da vida para a Terra e o Céu; que o amor que ‘não busca os seus interesses’ (I Cor. 13:5) tem sua fonte no coração de Deus” (DTN 20). Sua conclusão na página final é que através de Cristo “o amor venceu” (DTN 835). O amor de Deus é exaltado no princípio, no final e em tudo nos escritos de Ellen White. Ela repetidamente começa e termina seus livros mais importantes falando deste amor, e ele constitui as palavras iniciais e finais de sua dissertação sobre o Conflito dos Séculos, que traz mais de 3.500 páginas no entremeio. Este parece ser o tema que fundamenta e que serve de contexto para todos os outros temas em seus escritos.

O Grande Conflito

Um segundo tema integrativo que corre ao longo de sua obra é o do grande conflito, ou luta, entre Cristo e Satanás. Ele usa como base o tema do amor de Deus. A Sra. White enfatiza repetidamente que o ponto focal do grande conflito é a intenção de Satanás de representar mal o caráter amoroso de Deus. Assim, no primeiro capítulo de *Caminho a Cristo*, lemos que Satanás tentou persuadir as pessoas a temerem a Deus como um ser “severo e inexorável. Satanás levou o homem a imaginar Deus como um Ser cujo principal atributo fosse a justiça severa – um rigoroso juiz, e credor exigente e cruel. Representou o Criador como um ser que espreita

desconfiado, procurando discernir os erros e pecados dos homens, para que possa trazer juízos sobre eles” (CC 11). De acordo com Ellen White, o âmago do conflito foi além da tentativa de Satanás de representar mal o caráter de Deus, e incluiu também uma distorção deliberada de Sua lei. Assim, lemos nas páginas iniciais de *O Desejado de Todas as Nações* que “Satanás apresenta a divina lei de amor como uma lei de egoísmo. Declara que nos é impossível obedecer-lhe aos preceitos” (DTN 24). Novamente, ela escreve em *O Grande Conflito*: “Desde o início do grande conflito no Céu, tem sido o intento de Satanás subverter a lei de Deus” (GC 582).

Naturalmente, no pensamento de Ellen White, o caráter de Deus e o princípio que fundamenta a lei de Deus não são dois elementos, mas um. O caráter de Deus é de amor, e o princípio que está no âmago de Sua lei também é o amor. Assim, a intenção de Satanás no grande conflito é desacreditar o amor de Deus em suas várias manifestações. É contra essa tentativa de má representação que Deus tem tido que lutar. Ellen White prepara o caminho para descrever a reação de Deus a Satanás quando, na página de abertura de *Patriarcas e Profetas*, escreve que “a história do grande conflito entre o bem e o mal, desde o tempo em que a princípio se iniciou no Céu até o final da rebelião e extirpação total do pecado, é também uma demonstração do imutável amor de Deus” (PP 33). A demonstração do amor de Deus no conflito que está em andamento com Satanás constitui o enfoque, como vimos anteriormente, da Série Conflito dos Séculos em cinco volumes. Além destes volumes, o amor de Deus fornece a estrutura teológica que dá direção e contexto ao resto dos escritos de Ellen White. A principal demonstração do amor de Deus foi o fato de Ele haver enviado Jesus. Ellen White argumenta que Deus demonstrou Seu amor no contexto das acusações de Satanás, desenvolvendo o plano da salvação, no qual Jesus morreria pela raça humana. Entretanto, Jesus veio não apenas para morrer pela humanidade, mas para retratar o amor de Deus face às acusações de Satanás. Falando sobre isso, a Sra. White nos diz que “foi para dissipar essa negra sombra, revelando ao mundo o infinito amor de Deus, que Jesus baixou para viver entre os homens” (CC 11). Também, em resposta à alegação de Satanás, Jesus veio para demonstrar que a lei era realmente amor, e que poderia ser guardada (DTN 24).

Ellen White afirma que, por Sua vida e morte, Jesus ganhou a vitória para a Divindade. Ela escreveu: “Por meio da obra redentora de Cristo, o governo de Deus fica justificado. O Onipotente é dado a conhecer como o Deus de amor. As acusações de Satanás são refutadas, e revelado seu caráter” (DTN 26). O parágrafo final de *O Grande Conflito* une muito bem os temas do amor e do conflito cósmico. Lemos que “o grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. DAquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor” (GC 678). Os conceitos do amor

de Deus e do grande conflito levam a um terceiro tema que permeia os escritos de Ellen White e que une todos os diversos temas. Esse terceiro tema enfoca Jesus, Sua cruz e a salvação através de Sua graça.

Jesus, a cruz e a salvação através dele

Ellen White não só retrata Jesus lutando contra Satanás no âmbito do conflito cósmico, mas ela constantemente O apresenta de maneira muito pessoal. Desde sua conversão, ela sempre exaltou Jesus como a única esperança para cada pessoa. Naquele momento de sua vida ela compreendeu que “é unicamente ligando-se a Jesus pela fé, que o pecador se torna filho de Deus, cheio de esperança e crença”. Todo desejo de seu coração, ela diz, era “auxilia-me, Jesus; salva-me, eu pereço!” (VE 18) (LS 23). Ellen White nunca esqueceu seus primeiros esforços pela salvação, quando acreditava que tinha de ser boa antes que Deus pudesse aceitá-la. Encontrar a Jesus e a salvação pela fé em Seus méritos tornou-se o tema central nos escritos e nas pregações dela desde sua primeira visão _ na qual ela viu segurança para os Mileritas apenas enquanto “conservavam o olhar fixo em Jesus” (PE 14) _ até sua morte em 1915. Um profundo senso do desamparo humano era a base de sua teologia de salvação em Jesus. Ela salientou que “o resultado de comer da árvore da ciência do bem e do mal, é manifesto na experiência de todo homem. Há em sua natureza um pendor para o mal, uma força à qual, sem auxílio, não poderá ele resistir. Para opor resistência a esta força, para atingir aquele ideal que no íntimo de sua alma ele aceita como o único digno, não pode encontrar auxílio senão em um poder. Esse poder é Cristo” (Ed 29). Mas apesar de sua crença no desmerecimento humano, o conceito que a Sra. White tinha de Jesus era de ilimitada esperança para um mundo perdido. “Em cada ser humano, apesar de decaído, contemplava um filho de Deus, ou alguém que poderia ser restaurado aos privilégios de seu parentesco divino. ... Olhando aos homens em seu sofrimento e degradação, Cristo entrevia lugar para esperança onde apenas apareciam desespero e ruína. Onde quer que se sentisse a percepção de uma necessidade, ali via Ele oportunidade para reerguimento. As pessoas tentadas, derrotadas, que se sentiam perdidas, prontas a perecer, Ele defrontava, não com acusações mas com bênçãos” (Ed 79).

Para Ellen White, Jesus não era meramente um bom amigo em tempo de necessidade; Ele era um Salvador que morreu na cruz por todas as pessoas. Numa passagem favorita de *O Desejado de Todas as Nações*, lemos que “Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia” (DTN 25).

Um tema que ela nunca se cansou de repetir foi que Jesus morreu por nossos pecados, que Ele pagou a penalidade por nossos pecados na cruz. “Cristo crucificado por nossos pecados, Cristo ressurgido dos mortos, Cristo elevado ao alto, eis a ciência de salvação que temos de aprender e ensinar” (CBV 424) (8T 287).

Fé na salvação de Cristo (ou justificação pela fé) é um ensinamento que permeia os escritos de Ellen White. Pela fé as pessoas se apropriam das bênçãos da salvação obtida na cruz. Ela exaltou uma “fé na capacidade de Cristo para salvar-nos ampla, completa e totalmente” (3ME 172) (1888 Materials 217). Essa fé se estende ao ministério de Cristo por Seus filhos no santuário celestial. Para Ellen White, a morte de Cristo no Calvário não apenas tornou a salvação possível para cada indivíduo, mas também decidiu a questão do caráter de Deus no grande conflito. “A morte de Cristo”, ela declarou, “provou que a administração e o governo de Deus são sem defeito. A acusação de Satanás quanto aos atributos conflitantes de justiça e misericórdia, foi indubitavelmente liquidada para sempre. Cada voz dentro e fora do céu testificará um dia da justiça, da misericórdia e dos exaltados atributos de Deus” (MS 128, 1897).

Na mente de Ellen White, a vida de Jesus, Sua morte na cruz, Seu ministério de aplicação dos méritos de Sua morte no santuário celestial, e a aceitação da obra de Cristo pelo crente através da fé, constituem um grande núcleo temático no centro de sua compreensão do cristianismo. Nada era mais importante para ela que esse conjunto de idéias intimamente relacionadas. “Exaltai a Jesus”, ela escreveu aos ministros, “exaltai-O nos sermões, em cânticos, em oração. ... Seja a ciência da salvação o tema central de todo sermão, de todo hino. ... Mantende perante o povo a palavra da vida, apresentando Jesus como a esperança do arrependido e a fortaleza de todo crente” (OE 160). Novamente ela escreveu que “o sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado, é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário. Apresento perante vós o grande, magno monumento de misericórdia e regeneração, salvação e redenção – o Filho de Deus erguido na cruz. Isso tem de ser o fundamento de todo discurso feito por nossos pastores” (OE 315).

A centralidade da Bíblia

Paralelamente à ênfase de Ellen White em Cristo, a Palavra viva de Deus, estava seu interesse pela Palavra escrita de Deus. Em seu primeiro livro (1851) ela escreveu: “Recomendo-vos, caro leitor, a Palavra de Deus como regra de vossa fé e prática” (PE

78). E 58 anos mais tarde ela se colocou perante a sessão da Conferência Geral de 1909 com uma Bíblia em suas mãos, dizendo: “Irmãos e irmãs, eu recomendo a vocês este Livro”. Essas foram suas últimas palavras faladas a uma sessão da Conferência Geral da igreja. Ellen White exaltou a Bíblia ao longo de toda a sua vida. Para ela, a Bíblia era a vontade de Deus revelada, e proporcionava o conhecimento que levava a um relacionamento salvador com Jesus. “Em Sua Palavra”, ela declarou, “Deus conferiu aos homens o conhecimento necessário à salvação. As Santas Escrituras devem ser aceitas como autorizada e infalível revelação de Sua vontade. Elas são a norma do caráter, o revelador das doutrinas, a pedra de toque da experiência religiosa” (GC VII). Ela particularmente enfatizou a centralidade da Bíblia em tempos de conflito teológico. Por exemplo, enquanto a igreja se aproximava da controversa sessão da Conferência Geral de 1888, em Mineápolis, e alguns estavam procurando usar outras autoridades para interpretar doutrinas e a Bíblia, ela repetidamente apontou a seus companheiros, líderes da igreja, as Escrituras. “Queremos evidências bíblicas para cada ponto que expusermos”, ela lhes disse em abril de 1887 (1888 Materiais 36). Em julho de 1888, ela escreveu que “a Bíblia é a única regra de fé e doutrina” (FE 126) (RH, 17 de julho de 1888).

“Examinem as Escrituras cuidadosamente para ver o que é verdade”, ela aconselhou aos principais ministros adventistas um mês mais tarde. “A verdade não pode perder nada com uma investigação minuciosa. Deixem a Palavra de Deus falar por si mesma, deixem-na ser seu próprio intérprete. “Nosso povo”, ela continuou, “deve individualmente entender a verdade bíblica mais completamente, pois eles certamente serão chamados perante tribunais; serão criticados por mentes mordazes e críticas. Uma coisa é dar assentimento à verdade, e outra coisa é, através de cuidadoso exame como estudantes da Bíblia, saber o que é a verdade. ... Muitos, muitos se perderão por não terem estudado suas Bíblias sobre seus joelhos, com oração sincera a Deus para que a entrada da Palavra de Deus pudesse dar luz a seu entendimento.... “A Palavra de Deus é o grande detector de erro; a ela acreditamos que tudo deva ser trazido. A Bíblia deve ser nossa norma para toda doutrina e prática. ... Não devemos receber a opinião de ninguém sem comparar com as Escrituras. Eis aqui a autoridade divina, que é suprema em questões de fé. É a palavra do Deus vivo que deve decidir todas controvérsias” (1888 Materiais 38-40, 44, 45).

Ellen White afirmou que “a Palavra de Deus é suficiente para iluminar a mente mais obscurecida, e pode ser compreendida pelos que têm qualquer desejo de compreendê-la.” Ela considerou seus próprios escritos como um instrumento para levar as pessoas de volta à “palavra que negligenciaram seguir” (5T 663).

Este último ponto é importante. Ellen White sempre afirmou que sua função era dirigir as pessoas à Bíblia. Ela escreveu que “o Espírito não foi

dado – nem nunca o poderia ser – a fim de sobrepor-Se à Escritura; pois esta explicitamente declara ser ela mesma a norma pela qual todo ensino e experiência devem ser aferidos” (GC vii). Assim, ela acreditava, seu próprio ministério profético precisava ser testado pela Bíblia. Ela via seus escritos não como um substituto para a Bíblia, mas como “uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior” (CE 125). Para Ellen White, o estudo pessoal da Bíblia era de extrema importância para cada cristão. E conquanto isto fosse verdade de maneira geral, seria especialmente crucial nos dias finais da história terrestre. No fim dos tempos, ela afirma, “Satanás emprega todo artifício possível para impedir os homens de obter conhecimento da Bíblia”, de modo que os seres humanos não sejam capazes de detectar os enganos dele (GC 593). Assim, o estudo da Bíblia se torna parte do conflito no fim dos tempos. E ela declara que “pessoa alguma, a não ser os que fortaleceram o espírito com as verdades da Escritura, poderá resistir no último grande conflito” (GC 593). Esse pensamento nos leva a um quinto tema integrativo universal nos escritos de Ellen White – a segunda vinda de Jesus.

A segunda vinda

A Segunda Vinda era de importância central para Ellen White desde sua conversão, na experiência Milerita na década de 1840. A realidade da proximidade do advento dominou sua vida e moldou sua carreira de escritora. Assim, esse tema está a cada um dos outros seis que estamos examinando. Portanto, a Segunda Vinda é um ponto focal da verdade na Bíblia, é o clímax da salvação em Cristo, sinaliza o começo do fim do grande conflito entre o bem e o mal, é uma expressão suprema do amor de Deus, é o objetivo das três mensagens angélicas, e proporciona um incentivo para se viver a vida cristã. A Segunda Vinda não deixou de influenciar nenhuma parte do pensamento de Ellen White. Ela ensinou que o Segundo Advento deve estar no centro dos ensinamentos e atividades dos adventistas do sétimo dia. “Todos os sermões que proferirmos”, disse, “devem revelar claramente que estamos esperando a vinda do Filho de Deus, e por ela trabalhando e orando. Sua vinda é a nossa esperança. Esta esperança deve estar vinculada com todas as nossas palavras e atos, com todos os nossos relacionamentos e amizades” (Ev 220). Para Ellen White, o retorno de Cristo não era apenas uma realidade futura, mas tinha um senso de proximidade que exigia urgência em pregar essa mensagem a todo o mundo no tempo mais curto possível. “Fazei ressoar um alarme. Dizei às pessoas que o dia do Senhor está perto, e apressa-se grandemente. Ninguém fique sem ser advertido. ... Não temos tempo a perder. ... A vinda do Senhor está mais próxima do que quando aceitamos a fé. O grande conflito aproxima-se de seu fim. Toda notícia de calamidade em mar ou terra é um testemunho de que o fim de todas as coisas está próximo. Guerras e rumores de guerras declaram-no. ... O Senhor vem. Ouvimos os passos de um Deus que Se aproxima. ... Temos que preparar-

Lhe o caminho mediante o desempenho de nossa parte em preparar um povo para esse grande dia” (Ev 218, 219). Foi a verdade do advento e a proximidade desse evento que preparou o caminho para a missão adventista de evangelização.

Ellen White relacionou intimamente seu enfoque na Segunda Vinda e na conseqüente missão evangelizadora, aos livros apocalípticos de Daniel e Apocalipse. Esses livros e a descrição do tempo do fim que eles apresentam encontraram um lugar especial nos escritos e ensinamentos dela. “Há necessidade de um estudo mais aprimorado da Palavra de Deus”, ela escreveu em 1896; “especialmente Daniel e Apocalipse devem merecer atenção, como nunca antes na história de nossa obra” (Ev 577). Novamente, aconselhou, “deve haver estudo mais aprimorado e mais diligente do Apocalipse, e apresentação mais fervorosa das verdades que contém – verdades que concernem a todos quantos vivem nestes últimos dias” (Ev 197).

Os próprios escritos de Ellen White sobre o Segundo Advento demonstram que ela seguiu sua própria recomendação de estudar Daniel e o Apocalipse. Seus escritos estão completamente repletos de alusões a esses dois livros apocalípticos. A Sra. White escreveu algumas de seus trechos mais inspiradores em conexão com o conjunto de eventos que envolvem o Segundo Advento. Narrando o Segundo Advento em si, ela escreve: “É ouvida pelo povo de Deus uma voz clara e melodiosa, dizendo: ‘Olhai para cima’; e, levantando os olhos para o céu, contemplam o arco da promessa. As nuvens negras, ameaçadoras, que cobriam o firmamento se fendem e, como Estêvão, olham fixamente para o céu, e vêem a glória de Deus, e o Filho do homem sentado sobre o Seu trono. ...

“Os ímpios contemplam a cena com terror e espanto, enquanto os justos vêem com solene alegria os sinais de seu livramento. Tudo na Natureza parece desviado de seu curso. ... Em meio dos céus agitados, acha-se um espaço claro de glória indescritível, donde vem a voz de Deus como o som de muitas águas, dizendo: ‘Está feito’. Apoc. 16:17. “Essa voz abala os céus e a Terra. Há um grande terremoto. ... O firmamento parece abrir-se e fechar-se. A glória do trono de Deus dir-se-ia atravessar a atmosfera. ... As mais orgulhosas cidades da Terra são derribadas. .. As paredes das prisões fendem-se, e o povo de Deus, que estivera retido em cativeiro por causa de sua fé, é libertado” (GC 636-637).

A descrição de Ellen White da ressurreição dos justos é igualmente encorajadora. “Por entre as vacilações da Terra, o clarão do relâmpago e o ribombo do trovão, a voz do Filho de Deus chama os santos que dormem. ... Por todo o comprimento e largura da Terra, os mortos ouvirão aquela voz, e os que ouvirem viverão. ... Os justos vivos são transformados ‘num momento, num abrir e fechar de olhos’. À voz de Deus foram eles glorificados; agora tornam-se imortais, e com os santos ressuscitados, são arrebatados para encontrar seu Senhor nos ares. ... Criancinhas são

levadas pelos santos anjos aos braços de suas mães. Amigos há muito separados pela morte, reúnem-se, para nunca mais se separarem, e com cânticos de alegria ascendem juntamente para a cidade de Deus” (GC 644-645).

De todas as descrições de Ellen White sobre experiências relacionadas ao Segundo Advento, talvez as da vida na Nova Terra sejam as mais animadoras. Ela escreve: “Ali, mentes imortais contemplarão, com deleite que jamais se fatigará, as maravilhas do poder criador, os mistérios do amor que redime. ... Todas as faculdades se desenvolverão, ampliar-se-ão todas as capacidades. ... Ali os mais grandiosos empreendimentos poderão ser levados avante, alcançadas as mais elevadas aspirações, as mais altas ambições realizadas; e surgirão ainda novas alturas a atingir, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos objetivos a aguçar as faculdades do espírito, da alma e do corpo” (GC 677).

Como podemos ver nas citações acima, o conjunto de eventos relacionados ao Segundo Advento não apenas formam um importante tema integrativo nos escritos de Ellen White, mas seu senso da realidade desses eventos ardia em sua alma. Esse conjunto temático forneceu direção para seus escritos e orientação para sua vida.

Intimamente ligado à compreensão da Sra. White sobre o Segundo Advento está um sexto tema que nos ajuda a compreender sua vida e escritos. Esse tema é a mensagem dos três anjos de Apocalipse 14:6-12 e a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A mensagem do terceiro anjo e a Missão Adventista

Apocalipse 14:6-12, com sua descrição das três mensagens angélicas, se encontra no âmago da identidade dos adventistas do sétimo dia, como Ellen White a considerava. Ela afirmou desde o início de seu ministério até o final, aproximadamente 71 anos mais tarde, que Deus tinha comissionado especialmente os adventistas para pregar a mensagem do terceiro anjo. Capte o sentido de missão em suas palavras: “Em sentido especial foram os adventistas do sétimo dia postos no mundo como vigias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer. ... Confiou-se-lhes uma obra da mais solene importância: a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. Nenhuma obra há de tão grande importância. Não devem eles permitir que nenhuma outra coisa lhes absorva a atenção. “As mais solenes verdades já confiadas a mortais nos foram dadas, para as proclamarmos ao mundo. A proclamação dessas verdades deve ser nossa obra. O mundo precisa ser advertido, e o povo de Deus deve ser fiel ao legado que se lhe confiou” (Ev 120) (9T 19).

Como os outros líderes adventistas do sétimo dia, Ellen White via as três mensagens angélicas como uma “perfeita cadeia de verdades” (PE 256) que se estendia da década de 1840 até o fim dos tempos. A primeira mensagem (é chegada a hora do juízo de Deus), eles concluíram, tinha começado com a pregação de Guilherme Miller nas décadas de 1830 e 1840, enquanto que a segunda (a queda de Babilônia) começou a ser pregada em 1843, quando os crentes do advento estavam sendo expulsos de suas igrejas por acreditarem na doutrina bíblica da Segunda Vinda pré-milenial. Essas duas mensagens eram importantes, mas elas meramente prepararam o caminho para a pregação da terceira mensagem angélica. É na terceira mensagem que os adventistas do sétimo dia encontram sua comissão e sua identidade única. Ellen White e os outros crentes sabatistas sustentavam que “quando Cristo entrou no lugar santíssimo do santuário celestial [em outubro de 1844] para levar a efeito a obra final da expiação, entregou a Seus servos a última mensagem de misericórdia a ser dada ao mundo. Tal é a advertência do terceiro anjo em Apocalipse 14. Seguindo imediatamente a esta proclamação, o profeta viu o Filho do homem vindo em glória para ceifar a colheita da Terra” (HR 379).

Ellen White repetidamente ensinou que “esta [a mensagem do terceiro anjo] é a últimamensagem” para um mundo a ser destruído em breve. “Não há mais [mensagens] a seguir, não mais convites de misericórdia a serem dados depois que esta mensagem tiver feito sua obra. Que incumbência!” (5T 206-207). A Sra. White ensinou que a pregação da terceira mensagem angélica (juntamente com as duas primeiras) seria mundial. É essa crença solidamente defendida, enraizada em Apocalipse 14:6-12, que literalmente tem impelido a igreja adventista do sétimo dia aos confins da terra com sua mensagem evangelística. A terceira mensagem angélica, Ellen White declara, não apenas devia ser global, mas deveria também separar e testar os seres humanos. “Deve a mensagem do terceiro anjo realizar a sua obra de separar das igrejas um povo que se decidirá em prol dos princípios da verdade eterna”. É uma “mensagem de vida e morte” (Ev 229-230) (6T 61). Novamente, ela escreveu: “Aproveu ao Senhor dar a Seu povo a mensagem do terceiro [p. 122] anjo como uma mensagem decisiva para ser apresentada ao mundo. João contempla um povo diferente e separado do mundo, que se recusa a adorar a besta ou a sua imagem, que tem sobre si o sinal de Deus, que santifica o Seu sábado – o sétimo dia. ... Deles escreve o apóstolo: ‘Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.’ Apoc. 14:12” (Ev 233).

Assim, encontramos a perpetuidade da lei de Deus e a restauração do sábado bíblico no âmago da compreensão adventista sobre a terceira mensagem angélica. Os primeiros adventistas do sétimo dia não tiveram nenhum problema para ver esses elementos na terceira mensagem. Foram também rápidos em compreender o aspecto do grande conflito em Apocalipse 13 e 14, que opõe aqueles que tiverem a marca da besta contra aqueles que guardarem todos os mandamentos de Deus.

Mas o que muitos não conseguiram ver na terceira mensagem angélica foi o significado de “a fé em Jesus”. Esse foi um ponto que Ellen White procurou esclarecer para seus companheiros, membros da igreja, na sessão da Conferência Geral de 1888, em Mineápolis. Ela enfatizou que a fé de Jesus (que pode ser traduzido do grego como fé em Jesus) significa “Jesus tornar-Se o Portador de nossos pecados para que pudesse tornar-Se o Salvador que perdoa os nossos pecados. ... Veio ao nosso mundo e levou os nossos pecados para que pudéssemos levar Sua justiça. E a fé na capacidade de Cristo para salvar-nos ampla, completa e totalmente, é a fé de Jesus” (3SM 172) (1888 Materiais 217). Assim, ela poderia dizer em um outro contexto que “justificação pela fé ... é a mensagem do terceiro anjo, em verdade” (1SM 372).

Na perspectiva de Ellen White, a terceira mensagem angélica une a lei e o evangelho. Enquanto os adventistas do sétimo dia superenfatizavam a lei e o Sábado em detrimento do evangelho da graça, não estavam pregando a plena mensagem do terceiro anjo. Este era o ponto fraco da denominação antes de 1888. Mas a partir de 1888 e de uma compreensão adventista mais ampla da terceira mensagem angélica, Ellen White pôde afirmar que os adventistas tinham então a mensagem completa e que “o alto clamor do terceiro anjo já começou na revelação da justiça de Cristo, o Redentor que perdoa os pecados” (1ME 363).

A centralidade da terceira mensagem angélica, com seu imperativo de missão mundial, está bem no centro do conceito de Ellen White como um importante tema interpretativo. E como os outros temas integrativos e interpretativos, está entrelaçado aos outros seis. Antes de pararmos de falar sobre o tema do terceiro anjo, deve ser salientado que não só os extensos escritos de Ellen White sobre a lei, o sábado, a justificação pela fé, o grande conflito e outros tópicos estavam diretamente relacionados à terceira mensagem, mas também o estavam seus volumosos comentários sobre educação, saúde, publicação e ministério evangélico.

A educação adventista deveria treinar pessoas para propagar a terceira mensagem angélica. A mensagem de saúde (o braço direito do terceiro anjo; ver 1T 486) deveria munir as pessoas com melhor saúde para que pudessem pregar mais apropriadamente a mensagem do advento, e levar outros à verdade pelo testemunho das instituições adventistas de saúde. Os programas ministerial e de publicações deveriam também propagar a última mensagem ao mundo antes da colheita final de Apocalipse 14:14-20. A terceira mensagem angélica também está diretamente relacionada ao último tema de Ellen White que examinaremos nesta curta exposição: a vida cristã diária e o desenvolvimento do caráter.

Cristianismo prático e o desenvolvimento do caráter cristão

O cristianismo, como Ellen White o compreendia, deve afetar cada parte da vida diária de uma pessoa. Longe de ser algo que acontece às pessoas quando elas estão na igreja, o cristianismo verdadeiro transforma as pessoas de dentro para fora. Muda seus corações, mas essa mudança interior, se for genuína, abrangerá o relacionamento familiar, a escola e o trabalho, e até mesmo o modo em que a pessoa usa seu tempo livre. A grande quantia de material que Ellen White escreveu sobre recreação, casamento, saúde, o uso de nosso tempo e habilidades, e temas semelhantes, fala sobre as implicações práticas do cristianismo.

A crença numa experiência de conversão que transforma o coração permeia seus muitos conselhos sobre cristianismo prático. Essa crença está ligada à compreensão de que as ações externas provêm de motivos internos. Assim, uma vez que a pessoa estiver convertida, será natural para ela viver uma vida cristã pelo poder do Espírito de Deus. Ellen White descreve o âmago do cristianismo prático como sendo agir de maneira semelhante a Jesus ao invés de viver pelos princípios do reino de Satanás. E por trás do caminho de Jesus versus o caminho de Satanás, estão dois princípios que se opõem diametralmente um ao outro. Ela declara que “o pecado originou-se na busca dos próprios interesses”, no egoísmo. Em contraste, o amor que se dá é “o grande princípio que é a lei da vida para o Universo”. “Os anjos da glória acham seu prazer em dar. ... Vemos que a glória de nosso Deus é dar.” (DTN 20, 21). Jesus ilustrou a lei do amor abnegado na vida diária. Ele veio não apenas para morrer por nós, mas “deu-nos um exemplo de obediência”. “Cristo revelou um caráter exatamente oposto ao de Satanás” (DTN 24, 25). De acordo com a perspectiva da Sra. White, as pessoas viverão ou conforme o princípio do reino de Satanás (egoísmo) ou conforme o princípio do reino de Deus (amor abnegado). Não existem outras opções, e os princípios também não podem ficar apenas no coração e na mente das pessoas. Os princípios motivam as ações diárias. Assim, ela escreve que “o amor não pode existir sem revelar-se em atos exteriores, assim como o fogo não pode ser mantido aceso sem combustível”, (1T 695). Quem somos no íntimo de nosso ser, revelaremos nas experiências práticas da vida diária. A transição de uma vida baseada no princípio de Satanás para uma vida firmada no princípio de Cristo ocorre quando uma pessoa entrega sua vida a Jesus. Lemos: “Quando um homem se converte a Deus, supre-se-lhe um novo gosto moral, novo motivo impelente, e ele ama as coisas que Deus ama” (1ME 336). Essa nova força motriz levará os indivíduos a desejarem “ser tão santos em nossa esfera, como Deus é santo na Sua. Na medida de nossa capacidade, devemos tornar manifesta a verdade e o amor e a excelência do caráter divino” (1ME 337). Em resumo, os cristãos devem, pela graça capacitadora de Deus, almejar ser como Jesus em sua vida diária. Devem imitar Seu caráter. Mas ela tem o cuidado de afirmar que “jamais poderemos igualar o Modelo; podemos, porém imitá-Lo e assemelhar-nos a Ele”, (RP, 369) (RH, Fev 5, 1895). Deus concede Sua graça perdoadora quando falhamos “em nossos esforços por copiar o

Modelo divino.” (1ME 337). Assim como o amor é a característica central de Deus e o ponto central no grande conflito, ele também é a essência do desenvolvimento de um caráter semelhante ao de Cristo, que se manifesta nos afazeres práticos da vida diária. Ellen White afirma que “onde quer que haja união com Cristo, aí há amor. Quaisquer outros frutos que produzamos, se faltar o amor, de nada aproveitarão. O amor a Deus e ao próximo é a própria essência de nossa religião. Ninguém pode amar a Cristo sem amar a Seus filhos. Quando estamos unidos a Cristo, temos a mente de Cristo. A pureza e o amor resplandecem no caráter, a mansidão e a verdade controlam a vida.” Ela continua dizendo que mesmo “a própria expressão de nosso semblante se transforma. Cristo, habitando na alma, exerce um poder transformador, e o aspecto exterior testifica da paz e alegria que reinam no interior.” (1ME 337).

Ser um filho de Deus, Ellen White repetidamente afirma em inúmeros contextos, significa uma mudança em cada parte da vida diária. Significa renunciar a hábitos prejudiciais e a meios destrutivos de relacionamento. Mas a vida cristã envolve muito mais que isso. Na verdade, deixar atividades, atitudes e hábitos não significa nada em si. Para o cristão genuíno, renunciar a atitudes e atividades que não sejam cristãs é certamente importante, mas é apenas o prelúdio à incorporação das características ativas e positivas de Cristo. É o acréscimo, e não meramente a renúncia, que está no centro do que significa viver como Jesus.

E como era Jesus? Ellen White o expressa muito bem nas palavras de abertura de *A Ciência do Bom Viver*, quando escreve que “nosso Senhor Jesus Cristo veio a este mundo como o infatigável servo das necessidades do homem” (CBV 17). Ele veio para servir a outros, para ajudá-los e para dar-lhes as palavras da verdade. Nisso Ele é nosso exemplo.

Ela repetidamente nos exorta a sermos como Jesus no serviço. Um trabalho cristão de amor pelos outros, afirma, é uma “obra individual – uma obra que não pode ser feita por procuração” (CBV 147). Muitos cristãos, ela acrescenta, não se envolvem em compartilhar o amor de Deus. Ao invés disso, deixam a verdadeira obra de testemunhar e ajudar outros por conta de organizações e profissionais.

Não é por acaso que o livro *Educação* começa e termina com uma consideração sobre o serviço a outros. As vidas dedicadas ao serviço em vez de a um viver egocêntrico, passaram do reino de Satanás para o de Cristo. Como resultado, Ellen White pode escrever que os que finalmente entrarem no reino celestial não apenas encontraram sua “máxima alegria” no serviço aqui na Terra, mas que sua “máxima alegria” na Nova Terra também estará em servir aos outros, em ser como Jesus (Ed 309). A Sra. White também relaciona sua consideração sobre a perfeição cristã à internalização do caráter amoroso de Deus na vida diária. Em *Parábolas de*

Jesus ela menciona que “Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja.

Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus” (PJ 69). Muitas pessoas leem essa declaração sem ler cuidadosamente seu contexto. Como resultado, atribuem significados a ela que não se encontram na citação em si. As duas páginas anteriores deixam evidente a intenção da autora. Ela claramente declara que Cristo está procurando Se reproduzir nos corações de outros, e que aqueles que O aceitam terão descartado o viver egocêntrico do reino de Satanás. Estarão servindo a outros, falando da bondade de Deus e fazendo o bem. Tornar-se-ão mais semelhantes a Cristo, porque receberam “o Espírito de Cristo – o espírito do amor abnegado e do sacrifício por outrem”. Como resultado, ela diz a seus leitores, “vosso amor será mais perfeito. Mais e mais refletireis a semelhança de Cristo em tudo que é puro, nobre e amável” (PJ 68). Assim, reproduzir o caráter de Cristo perfeitamente é deixá-Lo viver Seu amor em nossa vida diária. Com esse pensamento, fechamos o círculo de nossas considerações sobre os temas integrativos nos escritos de Ellen White. Começamos considerando o amor de Deus e o desafio a esse amor no grande conflito. Agora finalizaremos com o pensamento de que “os últimos raios da luz misericordiosa, a última mensagem de graça a ser dada ao mundo, é uma revelação do caráter do amor divino. Os filhos de Deus devem manifestar Sua glória. Revelarão em sua vida e caráter o que a graça de Deus por eles tem feito” (PJ 415-416). Serão uma demonstração que Deus é verdadeiramente amor e que Sua graça salvadora transforma tanto o caráter como as ações.

O grande conflito, o amor de Deus, e os outros grandes temas nos escritos de Ellen White não são pontos para uma discussão abstrata. Longe disso. Eles afetam nossa vida diária. Cada um de nós deve diariamente escolher viver no mundo atual aceitando os princípios de Deus ou de Satanás. Deus providenciou os escritos de Ellen White para nos guiar nessas escolhas diárias. O propósito deles é nos ajudar a tomar decisões terrenas que tenham consequências eternas. Louvado seja o senhor por todas as suas bênçãos!

Abreviações usadas em referências aos escritos de Ellen G. White

1888 Materials = *The Ellen G. White 1888 Materials*, 4 volumes, paginação consecutiva.

CBV = *A Ciência do Bom Viver*

CC = *Caminho a Cristo*

CE = *Colportor Evangelista*

DTN = *O Desejado de Todas as Nações*

Ed = *Educação*

Ev = *Evangelismo*
FE = *Fundamentos da Educação Cristã*

GC = *O Grande Conflito*
HR = *História da Redenção*
LS = *Life Sketches of Ellen G. White*
1ME = *Mensagens Escolhidas*, volume 1
MS = *Manuscript*

OE = *Obreiros Evangélicos*
PE = *Primeiros Escritos*
PJ = *Parábolas de Jesus*
PP = *Patriarcas e Profetas*
RH = *The Review and Herald*
RP = *E Recebereis Poder*, *Meditações Matinais de 2000*
1T, 5T, etc. = *Testemunhos para a Igreja*, nove volumes
VE = *Vida e Ensinos*

Fonte: [Trecho do livro *Meeting Ellen White*, de George R. Knight, (Hagerstown, Md.: Review and Herald Publishing Association, 1996), pp. 109-127. Para uma legenda das abreviações usadas como referências, ver a lista no final deste documento].